

QUERENALODA TATOD

ANDRE ROSENTHAL

Todos os dias ouvem-se as mais diversas opiniões sobre o futuro do país, as razões das dificuldades que ele encontra para resolver a inflação, a pobreza, a corrupção, os cartórios, os oligopólios, o Congresso etc. etc. Não faltam assuntos para lamúrias.

Resido neste país há mais de 35 anos, sou naturalizado e casado com uma mulher bem brasileira. Tenho dois filhos que nasceram aqui e me considero mais brasileiro do que qualquer brasileiro nato, pois eu escolhi de livre e espontânea vontade o país para viver.

Não se pode negar a fantástica diferença que existe entre o Brasil de hoje e aquele do ano da minha chegada em 1958.

Me lembro ainda, no Rio de Janeiro, das corridas entre as lotações que disputavam os passageiros ultrapassando uns aos outros. Todos eles comprimidos num calor insuportável! Lembro também dos táxis, na época, muito raros, que subiam a Avenida Rio Branco lentamente para apanhar quatro ou cinco passageiros apressados em voltar para a casa e não encontrando conduções. Passageiros cansados do calor e do trabalho, suando e... sempre tão pacientes, aliás, uma virtude a ser ressaltada deste povo maravilhoso.

Me recordo também do primeiro passeio que fiz em direção à Barra da Tijuca, num velho fusca ofegante, quando os túneis ainda não existiam. Passando pela atual Rocinha, chegávamos a um outro mundo, ainda selvagem, parecia Shangri-lá. Natureza limpa, mar azul, tudo numa tranquilidade extraordinária.

As únicas construções eram duas torres inacabadas que, na época, deviam ser o melhor empreendimento imobiliário do século! Estas, ainda continuam inacabadas, únicos vestígios do atraso desta cidade que tanto mudou nesses 35 anos.

Em São Paulo o trânsito era insuportável. Levava-se às vezes duas ou três horas para vencer um quilômetro. Muitos motoristas irados deixavam o carro na calçada ou mesmo no meio da rua.

Quem se lembra do coronel Fontenelle querendo melhorar o trânsito tomando medidas drásticas tão incríveis que em menos de duas horas ninguém mais podia nem ir para frente nem para trás deixando a cidade totalmente imobilizada? Parecia um cemitério de carros velhos.

Eu morava, na época, no centro da cidade, perto do atual Hotel Hilton, que ainda não existia. Trabalhava na Willys Overland do Brasil, em São Bernardo. Do centro da cidade até a fábrica o caminho era complicado, com estradas não asfaltadas, sem nenhuma placa nas ruas. Eu era obrigado a utilizar o meu veículo (um Dauphine cujo apelido era Leite Glória, que se dissolve sem bater — lembra-se?) uma bússula aeronáutica para não me perder.

Em São Bernardo existiam algumas fábricas, a própria Willys, a Volkswagen, primeira indústria automobilística a se instalar no país como montadora (antes todos os carros

eram importados). Aliás este sistema era bem conhecido dos homens de negócios que, procurando a facilidade nos países colonizados, compravam matéria-prima e vendiam produtos industrializados, esquecendo de instalar localmente fábricas que iam dar trabalho aos operários e criar assim novos consumidores. Ninguém pode negar que hoje existem no Brasil milhares de fábricas e usinas, produzindo tudo que existe em outras partes do mundo.

Os detratores afirmam que sem uma economia de escala não se pode produzir a um preço barato, o que se faz em outros países em quantidades maiores. Raciocínio equivocado, porque não se pode esquecer que a criação de empregos é tão importante quanto à redução do custo de uma mercadoria.

Hoje no Brasil um empresário se orgulha de poder reduzir os custos melhorando a eficiência e o rendimento; contudo, para baixar os custos ele terá que demitir milhares de operários.

Qual é o resultado? O desemprego onde famílias arrasadas perdem o seu poder aquisitivo interrompendo assim a cadeia de produção/consumo.

O que está acontecendo hoje na Europa? Mas de 35 milhões de de-

***“O pessimismo,
que faz os
brasileiros se
autocriticarem,
é em si mesmo
gerador de crises”***

sempregados vivendo às custas dos contribuintes. O aumento do rendimento das fábricas permite um lucro maior que é taxado com impostos mais altos exatamente para pagar as custas dos desempregados. Isto sem tomar em consideração a humilhação de um homem cheio de força que nada encontra para fazer e fica o dia inteiro a rodar sem fazer nada. Será que isto é o progresso?

Hoje fala-se todos os dias nas mídias, televisão, jornais, revistas, da corrupção, das pressões dos sindicatos, dos empresários, das multinacionais, do Congresso, dos políticos, dos poderes dos cartéis, dos ganhos monstruosos dos banqueiros, de todos aqueles que levam o país para a ruína. Infelizmente tudo é verdade, nada é mentira. Então o que se deve fazer?

Os economistas têm fórmulas mágicas que devem curar todos os males: equilíbrio das finanças, controle das despesas altíssimas das empresas estatais, falta de controle do Governo federal sobre os governadores dos estados, dos municípios, equiparação dos salários etc. etc. Em suma: não tem fim!

Logo, uma porção de distintos economistas inventam planos milagro-

sos que devem salvar a pátria: Plano Funaro, Plano Bresser, Plano Cruzado. Nem me lembro mais de todos que nasceram nas cabeças desses homens de bem. Resultado final: nada acontece. O porquê é simples: não existe até hoje um Governo capaz de fazer aplicar qualquer plano, mesmo aquele inventado com a melhor das intenções.

O plano atual do ex-ministro Fernando Henrique Cardoso — que não é mais do que um disfarce da dolarização — podia dar certo desde que o Governo tivesse a confiança do povo e a energia irredutível de ir até o fim.

Evidentemente todos sabem que cada país tem o Governo que merece. Isto não quer dizer que o povo brasileiro é mau, pelo contrário, é o povo mais simpático do mundo. O mais paciente e o mais gentil. Quem em qualquer outro país suportaria todos esses planos fracassados sem murmurar, recebendo cada vez menos dinheiro e aumentando cada vez mais a diferença entre os ricos e os pobres? Tudo isto com esta maravilhosa confiança de um povo jovem (a metade dos habitantes tem menos de 18 anos, a França 15% de 50 milhões de habitantes).

Acho que o Brasil é um país encantador! Tem tudo para ser feliz. Em que parte do mundo existe uma liberdade igual àquela que existe aqui? Tudo é permitido e tudo pode ser feito, tanto para o bem quanto para o mal.

E apesar de todos os defeitos, apesar de todas as críticas que realmente podem se fazer contra o Brasil, em 35 anos que vivi aqui eu vi o país passar do estado de país colonizado, vivendo principalmente da venda de café, a um país rico, industrializado, e respeitado pelo mundo inteiro.

Em 1958 o país exportava 85% de matérias-primas (café, cacau etc.) e 15% de produtos industrializados. Hoje as proporções são exatamente inversas.

É bom lembrar também que o país cultivava somente 6% das terras boas para serem cultivadas. Que falta de senso!!! Aproveitando somente alguns percentuais a mais daria para alimentar não somente a totalidade dos brasileiros hoje desnutridos, bem como a população carente de muitos outros países famintos.

Tratando-se de inflação, mal característico da França entre as duas guerras, acho que vale a pena saber que na época reinava uma inflação galopante incontrolável até que um dia o presidente da República teve a idéia de chamar como primeiro-ministro Raymond Poincaré, famoso estadista, que soube com algumas medidas simples e fortes restabelecer a confiança e parar com este perigo em poucos meses.

Para concluir diria que o pessimismo que faz os brasileiros se autocriticarem é em si mesmo gerador da crise.

Acho que o momento não pode ser mais propício para semear para o futuro.